

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

MAIS UMA VEZ, JUNTARAM-SE OS DOUTORES DA LEI, PARA DAR RAZÃO A CAIFÁS E PILATOS

Afirma-se, como verdade tranqüila, que não se pode julgar o passado com a mentalidade do presente. Seria absurdo condenar procedimentos errados dos séculos anteriores com a clarividência maior que os tempos deram ao presente. Comete, por exemplo, injustiça para com a história quem acha, hoje, que já seria evidente a imoralidade intrínseca da escravidão, no tempo em que ela aconteceu; nossos antepassados teriam condições de lógica e de iluminação religiosa para recusá-la, uma vez que é visivelmente mal, ainda mais quando cotejada com as normas da fé que nossos ancestrais professavam. Serão verdadeiras tais objeções?

No artigo passado, baseado em citações do livro *Nasce um Povo*, que recomendamos, vimos como até bulas papais recomendavam expressamente a escravização de africanos. E tomamos conhecimento desse primor de justificação de conduta com o uso da religião, que vale a pena repetir e guardar: A lei de 1756, que obrigou os navios negreiros a terem capelães a bordo, assim se expressava: "... que nenhum escravo seja embarcado sem ter sido batizado cuidadosamente, a fim de que nenhum deles morra sem ter recebido este sacramento, sendo isto o maior serviço que podem prestar à glória de Deus todas as pessoas que trabalham no comércio de escravos".

Já seria possível, naquele tempo, ver que, por mais melíflua e carola que fosse a justificativa, a escravidão e sua defesa eram intrinsecamente más, partissem de onde partissem? Será que poderíamos jogar na cara de nossos antepassados as seguintes perguntas: "Vocês não tinham o Evangelho? Como é que, à luz da fraternidade universal de todos os homens, não descobriram que a escravidão era a negação radical de tudo aquilo

em que vocês afirmavam crer? Como é que vocês fizeram questão de serem chamados cristãos — irmãos universais — se a história mostra que vocês adoraram o lucro sobre tudo e, em nome dele, moeram e trituraram o irmão, transformando-o em bagaço humano e lixo social?" A gente passa página por página os livros de história e vai constatando a aceitação calma e tranqüila da escravidão dos negros: por parte dos papas, por parte dos bispos, por parte dos padres, por parte dos religiosos em seus conventos, os quais eram também possuidores de numerosos escravos; e, naturalmente, por parte das autoridades chamadas cristãs que, na maior felicidade, usaram o cristianismo e o distorceram em ideologia legitimadora do projeto de colonização predatória e escravista. E como Cristo foi um e salvou a humanidade; e como os profetas foram únicos no seu tempo e salvaram os caminhos da grandeza de seu povo; e como, nos tempos do nazismo, o bispo Von Gallen foi um e salvou a cara da Igreja na Alemanha; e como os heróis são sempre únicos, nosso passeio pelas páginas da história brasileira depara com os nomes únicos dos padres Gonçalo Leite e Miguel Garcia.

Gonçalo Leite foi o primeiro professor de filosofia no Brasil. Defendeu a tese de que nenhum escravo da África ou do Brasil tem base legal para ser escravizado. Em consequência desta tomada de posição, a permanência de Gonçalo Leite tornou-se insuportável para os demais padres e moradores e assim ele foi "convidado" a voltar ao Reino em 1586, qualificado de inquieto" pelo Padre Visitador. De Lisboa, escreveu uma carta ao Geral da Companhia "contra os homicidas e roubadores da liberdade dos índios do Brasil: "Bem se pode persuadir os que vão ao Brasil que não vão a salvar

almas mas a condenar as suas. Sabe Deus com quanta dor de coração isto escrevo, porque vejo os nossos padres confessar homicidas e roubadores da liberdade, fazenda e suor alheio, sem restituição do passado, nem remédio dos males futuros, que da mesma sorte cada dia se cometem".

Miguel Garcia foi o primeiro professor de teologia, em Salvador, entre 1576 e 1582. Juntou-se a Gonçalo Leite contra a escravidão existente no próprio Colégio da Companhia de Jesus. Em carta dirigida ao Geral, escreve: "A multidão de escravos que tem a Companhia nesta província, particularmente neste colégio, é coisa que de maneira nenhuma posso tragar, máxime por não poder entrar no meu entendimento serem licitamente possuídos... Alguma vez me passou pelo pensamento que mais seguramente serviria a Deus e me salvaria no mundo do que nesta província, onde vejo as coisas que vejo". A carta despertou grande confusão. Os moralistas e dogmáticos do Reino foram convocados para consulta. Foram todos de parecer que poderia haver cativeiros justos. Desta forma, todos se voltaram contra Garcia que, considerado pelo Visitador como escrupuloso demais, foi mandado de volta para Portugal, no dia 25 de julho de 1583. Existem os triunfalistas utópicos, interessados em manter poder e por isso insistindo em definir a Igreja como participação no poder infalível de Deus; eles afirmam que a Igreja é essencialmente sagrada, por isso não pode ser julgada a partir de critérios sociológicos. Ideólogos dessa estirpe fundamentaram a escravidão através de racionalizações teológicas e deram o aval de Deus à divisão dos homens em senhores e escravos. Graças ao Espírito de Deus, a Igreja conciliar perdeu o caráter mítico e pode e deve ser vergastada pela crítica de seus graves equívocos históricos. Então ela descobre que o maior serviço que pode prestar a Deus uma sociedade baseada em qualquer tipo de escravidão é libertar seus escravos; por exemplo, hoje, os escravos acorrentados aos salários mínimos.

CATABIS & CATACRESES

MORDAÇA? NEM TANTO

1. Outro dia o editorialista de O Globo (06-01-79), a propósito de "A Igreja e a Política", se deu ao trabalho de misturar umas tantas coisas certas com umas tantas coisas menos certas.

2. E entre umas e outras escreveu esta frase meio difícil e meio sibilina: "É preciso aceitar que os métodos e fins da realidade temporal exijam tratamento e rumos peculiares, sobre os quais não caibam os juízos críticos, as advertências ou as condenações dos pastores de almas."

3. Entendeu, leitor? Parece que a chave do enigma está nos "pastores de almas" do fecho de ouro. "Pastores de almas!" Belíssima catacrese. Pastores de almas, ocupem-se de almas. Deixem as coisas materiais pra lá, para os responsáveis pela realidade temporal e para o diabo, né?

4. Nem o editorialista nem o leitor nem ninguém jamais viu almas circulando pela vida de cada dia. Jamais apareceu em qualquer desvão da sociedade um corpo à procura de alma. Aí estamos

nós corpos e almas, numa perfeita unidade, que a morte corporal apenas perturba sem destruir definitivamente.

5. Pelo menos a nossa Fé cristã nos ensina: "Creio na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém". Como é que pastores de almas agirão? Como é que a Igreja (= pastores de almas) calará diante das tremendas injustiças materiais e morais que certos regimes cometem na ordem das realidades temporais? O global doutor não o diz. Sugere sibilinamente. E está lançando mais um pouco de confusão entre os leitores.

6º DOMINGO DA PASCOA (20-05-1979)

C = Comentador L = Leitor P = Povo S = Sacerdote

Cantos: Missa de PASCOA, Miria Kolling, Ed. Paulinas e Profetas da Alegria, Lp Ed. Paulinas

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

1. **I** Jesus Cristo, nossa Páscoa,
/ ressuscitou e hoje vive. / Ce-
lebremos pois a sua festa / na
alegria da fraternidade.

Jesus Cristo está vivo entre nós, aleluia, aleluia.

2. Ele é nossa esperança / com sua
morte deu-nos vida / e hoje vai cono-
sco lado a lado / dando sentido ao nosso
caminhar.

3. Também nós ressuscitamos / para
uma vida de amor. / É preciso que o
mundo veja em nós cristãos a Páscoa
do Senhor.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do
Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, o Deus da esperança encha
o coração de vocês de toda a alegria e
de paz na fé, para que vocês transbor-
dem de esperança, pelo poder do Espí-
rito Santo.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu
no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Na missa de hoje, como em poucas
outras durante o ano, está concentrada
a proclamação do que é essencial no
Evangelho: o amor ao próximo. Quem
ama o próximo, cumpre os mandamentos;
amar a Deus significa, na prática, amar
o semelhante; quem busca Deus, pro-
cure-o no irmão; fé cristã não é viagem
da fantasia através de universos nebu-
losos, mas disposição concreta de aceitar
e amar o outro, que Deus colocou a nosso
lado. Quando esta fé torna-se profunda
e apostólica, entende amor cristão como
engajamento, lutando com a Igreja, para
que o irmão não tenha motivos de quei-
xas, revoltas e ódios, muitas vezes justos.
Vale a pena ler e guardar, para reler
de vez em quando, a segunda e terceira
leituras de hoje: autênticos resumos do
Evangelho, escritos em tom de indisfar-
çável ternura. Falam daquele amor uni-
versal, propugnado por Cristo, não limi-
tado por barreiras de raça e nacionali-
dade, cor e religião. A primeira leitura
confirma: em decorrência da presença
do apóstolo, os dons do Espírito Santo
se vão derramando sobre todos, sem
tomar conhecimento das diferenças hu-
manas.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, nisso consiste o amor de
Deus: "Não fomos nós que O amamos,
foi Ele quem nos amou primeiro". Aí a
diferença entre sentimentalismo e amor
cristão: apesar de sermos o que somos:
antipáticos, grosseiros, interesseiros e
egoístas, Deus mandou seu Filho fazer
contrapeso a tudo isso. Tendo recebido
esse amor de Cristo, como procedemos
diante do próximo? Recusamos nosso
coração, só damos em troca, nos tran-
camos facilmente? Na família, somos
espalhadores de amor e alegria? Ou dis-
seminamos inibição, dureza e distância
entre as pessoas? *(Pausa para revisão*

de vida). — Confessemos os nossos pe-
cados:

1. Perdoai-me outra vez, Senhor, nova-
mente eu me fechei / dentro do meu
desamor, vossa imagem eu mutilei.

Perdoai-me, Senhor, não vivi minha voca-
ção. / Perdoai-me, Senhor, não amei o
meu irmão.

2. Deveria ser vosso apóstolo, mas pequei
por omissão / eu também me acomodei,
fracassei vossa missão.

3. Deveria ser bom discípulo, mas calei
a minha voz / camuflando o ideal, sem
pregar a vossa paz.

5 GLÓRIA

Glória a Deus, glória a Deus, glória a
Deus / e paz aos homens na terra, que
trabalham para Deus.

1. Glória ao Pai do céu que primeiro nos
amou / e, em vista do seu Cristo, livre-
mente nos criou.

2. Glória a Jesus Cristo, porque veio nos
salvar / e o mistério de Deus Pai veio
aos homens revelar.

3. Glória ao Espírito Santo, porque é
consolador / que ilumina nossa vida e nos
enche de amor.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Deus todo-poderoso, dai-nos
celebrar com fervor esses dias de júbilo,
em honra do Cristo ressuscitado, para
que nossa vida corresponda à vida e aos
ensinamentos daqueles que estamos re-
cordando, o qual se faz presente ao
mundo, através de sua Igreja. Por nosso
Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na
unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

L C. A primeira leitura é tirada
do Livro dos Atos dos Apósto-
los, cap. 10, versos 25 a 26, 34
a 35 e 44 a 48. O amor cristão não faz
diferença de pessoas: não corteja o rico
e maltrata o pobre; não se humilha pe-
rante o grande nem se torna prepotente
ante o pequeno. Todos somos iguais, por-
que somos todos imagens de Deus.

L. Leitura do Livro dos Atos dos
Apóstolos: «Quando Pedro entrou,
Cornélio veio ao seu encontro,
ajoelhou-se e se curvou diante dele.
Mas Pedro o ergueu e disse: «Fica
de pé, porque eu também sou ape-
nas um homem!» Pedro começou a
falar: «Agora sei que Deus trata
a todos igualmente. Ele aceita to-
dos os que o respeitam e fazem o
que é justo, seja qual for a raça».
Quando Pedro ainda estava falan-
do, o Espírito Santo desceu sobre
todos os que o estavam ouvindo. Os
cristãos judeus, que tinham vindo
com Pedro, ficaram admirados, por-
que Deus tinha derramado o dom
do Espírito Santo sobre os que não
eram judeus. Pois eles os ouviam
falar em línguas estranhas e lou-

var a grandeza de Deus. Então Pe-
dro disse: «Essa gente recebeu o
Espírito Santo como nós também
recebemos. Será que alguém vai ser
contra que eles sejam batizados
com a água?» Então mandou que
fossem batizados em nome de Je-
sus Cristo. Depois eles pediram a
Pedro que ficasse alguns dias com
eles». — Palavra do Senhor.
P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Sabei que o Senhor é Deus / foi ele
quem nos fez e somos filhos seus.

1. Aclamai o Senhor, ó terra inteira /
servi o Senhor cheios de júbilo / ide a
ele com cantos de alegria.

2. Entrai em sua casa dando graças /
no seu templo cantai hinos de louvor /
dai-lhe glória, seu nome bendizei.

3. Louvai ao Senhor porque ele é bom
/ seu amor e sua fidelidade / perduram
pelos séculos sem fim.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da Pri-
meira Carta de João, cap. 4, versos 7
a 10. O que nos torna cristãos e nos
diferencia não é cor externa da roupa
ou da fita, mas o amor que damos ao
próximo. Quem ama está em Deus. Quem
ama está cumprindo os mandamentos de
Deus. Quem se preocupa com a sorte do
outro vive o amor e está em Deus,
mesmo que pense estar longe.

L. Leitura da Primeira Carta de
São João: «Meus queridos, amemos
uns aos outros, porque o amor vem
de Deus. Quem ama é filho de Deus
e conhece a Deus. Quem não ama
não o conhece, porque Deus é amor.
Foi assim que Ele mostrou seu
amor por nós: mandou seu Filho
único ao mundo, para termos a vi-
da por meio dele. Amor é isto: não
fomos nós que amamos a Deus, foi
Ele que nos amou primeiro e man-
dou o seu Filho, para que por meio
dele os nossos pecados fossem per-
doados». — Palavra do Senhor.
P. Graças a Deus.

10 ACLAMAÇÃO

L Eis o dia do Senhor, aleluia,
aleluia, aleluia.

1. O Cristo ressuscitou / da
morte nos libertou.

2. Nas trevas brilhou a luz / o Cristo
que ao Pai conduz.

3. Salvou-nos o seu amor / cantemos-
lhe pois louvor.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evan-
gelho de João, cap. 15, versos 9 a 17.
Não mando que vocês entrem em grandes
e eruditas discussões sobre Mim; meu
mandamento é que vocês se amem uns
aos outros, como eu amei vocês; é isso
que mando: amem-se uns aos outros.
S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João.

P. Glória a Vós, Senhor.

S. Jesus falou: «Assim como o Pai me amou, assim também eu amei vocês. Continuem pois em meu amor. Se vocês obedecerem aos meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como eu obedeço aos mandamentos de meu Pai e permaneço em seu amor. Digo essas coisas para que a minha alegria esteja em vocês e esta alegria seja completa. O meu mandamento é este: Amem-se uns aos outros como eu amo vocês. O maior amor que alguém pode ter por seus amigos é dar a vida por eles. Vocês serão meus amigos se fizerem o que eu mando. Não chamo vocês de escravos, porque o escravo não sabe o que seu dono faz. Chamo vocês de amigos, pois tenho dito a vocês tudo o que ouvi de meu Pai. Não foram vocês que me escolheram, eu é que escolhi vocês, para que vão e dêem muito fruto e que esse fruto seja constante. Desta forma, o Pai dará tudo o que vocês pedirem em meu nome. Portanto, o que eu mando é isto: Amem-se uns aos outros». — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO

 (No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.

P. criador do céu e da terra. / E em Jesus Cristo seu único Filho, nosso Senhor / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja Católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIEIS

S. Irmãos, prova de nosso amor a Deus não são retóricas declarações teológicas, mas o anônimo e sacrificado amor ao próximo. Para que a força do Cristo ressuscitado ajude a vencer o orgulho imaturo e o egoísmo interesseiro que nos impedem de amar, elevemos nossas preces:

L1. Para que o amor que celebramos na Eucaristia seja de fato a meta primordial que buscamos construir nas relações de nossa vida familiar, rezemos ao Senhor.

L2. Para que entendamos amor cristão como fome e sede de justiça, que nos ajudam a passar ao largo do sentimentalismo e nos levam ao esforço por um mundo melhor, rezemos ao Senhor.

L3. Para que não fiquemos na ingenuidade alienada de pensar que espolição e miséria de seres humanos iguais a nós sejam decorrentes do consentimento de Deus, rezemos ao Senhor.

L4. Para que descubramos que a força evangélica geradora do mundo melhor, concretizada na Igreja, está na união e no trabalho comum de todos os cristãos, rezemos ao Senhor.

L5. Pelos pobres, para que entendam o evangelho como motivação de sua luta pelos direitos; pelos ricos, para que descubram a inutilidade de suas seguranças, rezemos ao Senhor.

L6. Pelas intenções particulares desta santa missa... rezemos ao Senhor.

S. Senhor Jesus, ajudai a conhecermos o Pai, para que vosso Espírito more em nós e vos manifestemos como única esperança do mundo. Vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO

 Cristo é o dom do Pai / que se entregou por nós. / Aleluia, aleluia, bendito seja o nosso Deus.

1. Dai graças a Deus, pois ele é bom / eterno por nós é seu amor.
2. Coragem e força ele nos dá / fazendo-se nosso Salvador.
3. Eu não morrerei mas viverei / e assim louvarei o meu Senhor.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS

 S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Senhor Deus, subam até vós nossas preces, juntamente com as ofertas do presente sacrifício. Purificai o íntimo de nossos corações, a fim de correspondermos melhor ao chamado que nos fizestes de viver o vosso Evangelho. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

 P. Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vida.

19 CANTO DA PAZ

Eu te saúdo, meu irmão, / eu te abraço e estendo a mão / porque Jesus no meio de nós / veio trazer a sua paz. Shalom, shalom, shalom, meu irmão, / que a paz de Jesus Cristo venha ao teu coração.

20 CANTO DA COMUNHÃO

 1. Celebramos nossa páscoa / com alegria no Senhor / caminhemos na verdade / buscando sempre o amor.

Cremos em ti e te aceitamos, ó Cristo vivo, / e o teu amor ao mundo levaremos / aleluia, aleluia.

2. Cristo vem nos dar sua vida / vem conosco caminhar / encontramos nele a força / pra seu amor testemunhar.

3. O Senhor ressuscitou / nossa vida assumiu / e nos alcançou vitória / porque da morte nos salvou.

4. Quem de Cristo se alimenta / para sempre viverá / e com ele glorioso / um dia o Pai encontrará.

5. Também todos nós queremos / pela vida anunciar / que o Cristo está presente / e traz-nos hoje a salvação.

21 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, pela ressurreição de Cristo nos renovais para a vida de vosso Reino, que já começa neste mundo; pela força da Eucaristia, fazei que a semente pascal dê em nós os frutos da justiça fraterna, do amor e da Paz, que o Ressuscitado anunciava à sua Igreja. Pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

22 MENSAGEM PARA A VIDA

 (Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. Unidade católica significa unidade universal, mas não significa uniformidade militar. No Reino do Pai há muitas moradas e a beleza está na variedade e nas diferenças que manifestam a riqueza criadora de Deus. É preciso a gente se acostumar que diferença não significa oposição e muito menos guerra. Diferenças significam caminhos diferentes, resultado de escolhas diferentes, manifestações da liberdade que Deus nos deu como direito fundamental. A pedagogia reforça a apologia da liberdade: gente não é gado; por isso, quanto mais imposição, tanto mais os bríos da liberdade acordam a resistência, para não nos submetermos. E quanto mais se respeita a liberdade, tanto mais se produz o desarmamento dos espíritos, que nos arranca às trevas do ódio e coloca na claridade; aí descobrimos a estrada real, única e sem curvas, da posse de nós mesmos. A história confirma a pedagogia: quanto mais se insistiu em uniformidades e dogmatismos, tanto mais separações e cismas, intolerâncias e até guerras se produziram.

23 CANTO FINAL

1. Pela alegria que reina em toda parte / na natureza tão cheia de esplendor / no ar festivo, nas cores vivas / eu sinto a tua e minha Páscoa, ó Senhor.

A Páscoa não é só hoje / a Páscoa é todo dia / se eu levar o Cristo em minha vida / tudo será um eterno aleluia.

2. Toda beleza, promessa ou esperança / todo esforço, trabalho e amor / tudo é Páscoa, tudo é vida porque neste dia o Senhor ressuscitou.

24 BENÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo. P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. P. Amém.

IMAGEM DIACONAL

1. O ano, 1942. O mês, fevereiro. Frei Mariano, o mestre e diretor espiritual, solícito a todas as minúcias, lembra que é para escrever ao Padre Provincial, pedindo a ordenação de diácono. O passo está decidido, mas é preciso pedir. O Provincial diz que sim, que a Ordem se alegra, que a Província se alegra, que céus e terras se alegram. Dependerá de Dom Augusto toda essa alegria cósmica. Mas Dom Augusto diz que sim, caso tenham juízo. E brinca: Será que frade tem juízo? Brinca mais: Tem, mas nem todos.

2. Marca-se a data da ordenação. E as semanas correm vagarosas, rápidas, leves, pesadas, tranqüilas, ansiosas na direção da meta. Tudo claro. Este é o caminho certo, agora, hoje, amanhã, sempre. Quem pode prever? Mas que adianta prever, quando esta Fé simples e sólida entrelaça presente e futuro, tempo e eterno, sem deixar margem a qualquer dúvida? A decisão está tomada. É uma só, uma decisão de profunda imutável eternidade. Quer dizer que você assume um peso de eternidade? Antes mesmo de andar os caminhos do mundo?

3. Assumo. E assumindo, tem uma preocupação filial: «Mamãe, a senhora vai ser a primeira que recebe a Comunhão das minhas mãos, quer? «Quero, meu filho.» E neste quero toda a ternura de um coração de Mãe. Se não fosse... Bem, a ordenação correu segundo o ritual. Ao pé da letra. Dom Augusto não brinca. Depois a primeira distribuição da Eucaristia. A «primeira comunhão» de Mamãe. Mas a velhinha se adianta e, sem laço de amizade ou sangue, comunga primeiro, antes da Mãezinha. Santa e feliz, Mamãe sorri: «A segunda fui eu, meu filho.» (A. H.)

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: At 16,11-15; Jo 15,26—16,4 / Terça-feira: At 16,23-34; Jo 16,5b-11 / Quarta-feira: At 17,15,22—18,1; Jo 16,12-15 / Quinta-feira: At 18,1-8; Jo 16,16-20 / Sexta-feira: At 18,9-18; Jo 16,20-23a / Sábado: At 18,23-28; Jo 16,23b-28 / Domingo: At 1,1-11; Ef 1,17-23; Mc 16,15-20.

MINISTÉRIO DA PALAVRA

REZAR PELAS VOCAÇÕES

A Folha: Não deixa de parecer curioso: o maior interessado na realização do plano de Deus é certamente Jesus Cristo. E no entanto em vez de despertar vocações para a "seara", para o mundo, para a Igreja, ele entrega esta responsabilidade aos discípulos. Não está nisto a razão do fracasso?

Dom Adriano: Precisamente porque Jesus Cristo se insere totalmente no plano de amor do Pai é que ele procura inserir-nos também. Paulo que aprendeu excelentemente a lição do Mestre nos diz o seguinte: "Todos aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. De fato, vocês não receberam o espírito de escravidão para caírem de novo no medo, não, vocês receberam o espírito de filhos adotivos. Nesse espírito é que gritamos: 'Abá', isto é: Pai. O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros. Herdeiros sim de Deus e co-herdeiros de Jesus Cristo, contanto que com ele nos identifiquemos no sofrimento, para com ele nos identificarmos também na glória" (Rm 8,14-17). Através de Jesus Cristo, um dos nossos, todos nós somos envolvidos no mistério da salvação, participamos eficazmente na realização do plano e da glória de Deus. Assim compreendemos por que Jesus Cristo, num ponto importante para o anúncio da Boa-Nova — como é a formação de apóstolos — entrega a nós uma parte de responsabilidade.

A Folha: Inclusive com o risco de fracassar?

Dom Adriano: Sim, inclusive com o risco de fracasso. No seu conjunto o plano de Deus não será frustrado pelo homem, por nossos pecados e misérias. Podemos sim atrapalhá-lo, atrasá-lo, frustrar não o

podemos. Mas confiando em nós, Deus aceita a possibilidade de fracasso em cada um de seus filhos. Nem por isso nos exclui de participarmos.

A Folha: Mas será que nós cristãos temos esta visão clara de nossa responsabilidade? de nosso engajamento?

Dom Adriano: Sempre houve, sempre há, sempre haverá na Igreja cristãos que vêm claro e agem com decisão. O mistério da salvação se realiza na história. A história, encaixada no plano de amor de Deus, se transforma realmente em história da salvação. Sempre haverá um pequeno rebanho, um pequeno resto de pessoas totalmente engajadas no plano de Deus. Temos de fazer um esforço para aumentar o número dessas pessoas, o número e sua qualidade.

A Folha: É isto o que Jesus Cristo aconselhava e ordenava quando nos mandava rezar por trabalhadores da seara?

Dom Adriano: Era. Como filhos, interessados na causa do Pai, devemos ter interesse no crescimento e na melhoria dos quadros apostólicos. Só que o rezar bíblico, que é o rezar aconselhado por Jesus, inclui necessariamente um agir concreto, um participar responsável, um engajar-se decidido. A oração bíblica é ação. Rezar pelas vocações é um voltar-se para o Pai e para as pessoas humanas, para o plano de Deus e para a realidade concreta. Três ave-marias pelas vocações: tenho para mim que assim nunca se resolve nada. Precisamos arregaçar as mangas, com espírito de Fé, contando com a graça de Deus. Então a fórmula piedosa, que se encaixa num contexto de ação corresponsável, tem sentido. Então descobriremos a importância essencial da oração para a nossa vida e também a importância de certas fórmulas de piedade.

LITURGIA & VIDA

AI, QUE LEITURA DIFÍCIL!

As leituras do Antigo Testamento são valorizadas na Liturgia, como não poderia deixar de ser. Depois da reforma litúrgica introduzida pelo Vaticano II os livros do Antigo Testamento são lidos com mais freqüência na Liturgia da Palavra.

Mas com isto não se eliminaram certas dificuldades.

Os livros do Antigo Testamento nos apresentam um mundo bem diferente do nosso. Ainda estão na fase da esperança, e da procura. Aos poucos Deus vai-se revelando ao seu Povo. Mas o Povo é duro de compreensão. Historicamente são livros escritos muito antes da era cristã. Certos trechos têm mais de três mil anos. O ambiente que a mensagem de Deus supõe difere muito do nosso.

A esta dificuldade se junta muitas vezes a tradução difícil ou falha. As vezes o tradutor quer ser fiel ao texto original ou ao latim. E produz uma tradução incompreensível ou pelo menos pouco saborosa.

Não queremos negar estes problemas que, num futuro próximo, terão de ser enfrentados.

Mas certas dificuldades são inerentes à nossa ignorância dos livros sagrados. Aqui está um ponto importante para a nossa formação. Temos de conhecer muito melhor os livros santos. Para isto já existem obras excelentes: introduções, comentários, traduções, dicionários. A mesa está cheia.

Também seria bom se os vigários procurassem instruir grupos, mais conscientizados no conhecimento e no amor da Bíblia Sagrada. Aqui temos de andar ainda um longo caminho.

1. Você lê constantemente a Bíblia Sagrada?
2. Já tentou ler algum livro completo do Antigo Testamento?
3. Que é que se pode fazer na sua paróquia, para despertar interesse e amor aos Livros Santos?